

## O PRONOME RELATIVO “QUE” E ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO EM PRODUÇÕES ESCRITAS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL 2<sup>1</sup>

Mileyde Luciana Marinho Silva  
Telma Moreira Vianna Magalhães

**RESUMO:** *Este estudo tem por objetivo analisar as estratégias de relativização, em produções escritas de alunos do ensino fundamental 2 e é teoricamente embasado na teoria Gerativa (cf. CHOMSKY, 1986). Para a realização desta pesquisa, foram utilizadas 42 produções textuais de alunos de nível fundamental 2. Em seguida, esses dados passaram por uma análise, na qual foi verificada a utilização do pronome relativo “que” (quando usado), e quais outras estratégias de relativização são usadas pelos alunos, estas foram analisadas também procurando responder a questionamentos como: em que contextos estruturais os alunos fazem uso desse recurso? Os alunos utilizam de forma frequente e de acordo com a norma padrão o pronome relativo? Quais as estratégias de relativização mais utilizadas por esses alunos? Os alunos mostram uma diferença no uso deste recurso dos anos iniciais aos finais? Foi verificado que os falantes de PB têm uma tendência a omitir a preposição que antecede o pronome relativo.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Pronome Relativo. Relativização. Produções. Sentenças. Gerativismo.*

**ABSTRACT:** *This paper has the objective of analyzing the use of the relativization strategies, in written productions of students from the middle school and is based theoretically on Chomsky's generative theory from 1986. To the achievement of this research, I used 42 written productions. After that, this corpus went through an analysis, in which was verified the use of the relative pronoun “que” (when used) and what other relativization strategies are used by the students, it was also analyzed with the aim of answering the question: in what situations do the students use these resources? How often is the relative pronoun used by the students and is it according to the grammar of the relative pronoun? What is the strategy most used by the students? Is there a great difference between the way the students, in different degrees of the elementary school, use the pronoun? It was verified that the native speakers of BP has use to produce sentences omitting the preposition that came before the relative pronoun.*

**KEYWORDS:** *Relative Pronoun. Relativization. Productions. Sentences. Gerativism.*

### 1 INTRODUÇÃO

Pesquisas realizadas sobre os pronomes relativos, como (RECHE, 1998; MEDEIROS JÚNIOR, 2007), têm mostrado que o falante nativo de Português Brasileiro (doravante PB) tem

---

<sup>1</sup> Recorte da pesquisa de PIBIC (2015-2016), realizado juntamente ao grupo de pesquisa PRELIN, sob orientação da Profa. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães.

uma tendência a relativizar suas sentenças usando a relativa cortadora. Tomando tais pesquisas como base, este estudo visa verificar se essa mesma realização ocorre em textos escritos de alunos do ensino fundamental 2.

Este trabalho tem por objetivo responder a questionamentos como: em que situações os alunos fazem uso da relativização? Os alunos utilizam de forma frequente e de acordo com a norma padrão o pronome relativo? Quais as estratégias de relativização mais utilizadas por esses alunos? Os alunos mostram uma diferença no uso deste recurso dos anos iniciais aos finais? Destaca-se que essas questões dizem respeito à verificação desse uso na escrita.

O *corpus* desta pesquisa é composto por 42 produções escritas de alunos, retiradas do banco de dados de Barbosa (2012), que faz parte de um projeto maior chamado Projeto Lual<sup>2</sup>. Os alunos que produziram os textos selecionados estão no ensino fundamental 2 da rede pública de ensino da cidade de Maceió – AL e a faixa etária na qual estão inseridos é de 10 a 14 anos.

Busca-se através desta pesquisa verificar se houve uma mudança na forma como os falantes do PB relativizam suas sentenças ou não, levando em consideração que Reche (1998, 151-157), ao estudar as sentenças produzidas por informantes escolarizados e não-escolarizados, afirma que são produzidas, majoritariamente, relativas de sujeito e objeto, enquanto outras são menos ocorrentes. Assim como Júnior (2007, 15) ao concluir que os alunos fazem uso, além da relativização padrão, de estratégias não padrão, em maior ou menor grau tanto na língua falada quanto na língua escrita, o que demonstra uma discrepância em relação ao que o aluno aprende na escola, o que é realmente usado em seu cotidiano.

Este trabalho se organiza da seguinte forma: na seção (1), intitulada pressupostos teóricos, apresentam-se os objetivos deste estudo, uma breve explicação sobre os resultados esperados; na seção (2), é apresentado todo procedimento metodológico usado na análise dos dados do *corpus* selecionado para esta pesquisa; na seção (3), é apresentado o embasamento teórico utilizado, além dos resultados encontrados; por fim, na seção (4), verificam-se as conclusões e relevância deste trabalho para o meio acadêmico a partir dos resultados obtidos.

## **2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Este estudo é baseado na Gramática Gerativa, proposta por Noam Chomsky. Essa teoria apresenta três questões básicas pelas quais é regida, são estas:

---

<sup>2</sup> Projeto Língua Usada em Alagoas.

- O que constitui o conhecimento da língua?
- Como é adquirido o conhecimento da língua?
- Como é usado o conhecimento da língua?

Chomsky responderá a estas questões da seguinte forma:

A resposta à primeira questão é dada por uma gramática generativa particular: uma teoria que se ocupa do estado mente/cérebro do indivíduo que conhece uma língua particular. A resposta à segunda questão é dada por uma especificação da GU e pela consideração dos meios através dos quais os seus princípios interagem com a experiência, de modo a darem origem a uma língua particular. A resposta à terceira questão seria uma teoria acerca do modo como o conhecimento da língua atingindo interfere na expressão do pensamento e na compreensão das amostras de língua que nos são apresentadas e, por consequência, na comunicação e noutros usos especiais da língua (CHOMSKY, 1986, p. 23).

Segundo a teoria gerativa, o ser humano possui um tipo de faculdade da linguagem. Esta seria uma disposição biológica que todos os indivíduos, salvo os que apresentam problemas patológicos, possuem para adquirir uma determinada língua e para assimilar e produzir palavras, frases e discursos, a faculdade da linguagem é explicada pelos princípios e parâmetros.

Os princípios, segundo Miotto (2007, 24), são leis gerais válidas para todas as línguas naturais; enquanto os parâmetros são propriedades que uma língua pode ou não exibir e que são responsáveis pela diferença entre as línguas. A teoria gerativa visa investigar as estruturas que pertencem à gramática de uma determinada língua e, desse modo, verificar como os seres humanos conseguem desenvolver uma gramática.

É a partir daí que se trabalha a GU (Gramática Universal) que faz parte das faculdades inatas do ser humano. Segundo Chomsky, a GU:

deve ser vista como uma caracterização da faculdade da linguagem geneticamente determinada. Pode-se encarar essa faculdade como um “mecanismo de aquisição da linguagem”, um componente inato da mente humana que origina uma língua particular pela interação com a experiência vivida, ou ainda como um mecanismo que converte a experiência num sistema de conhecimento atingido: conhecimento de uma ou de outra língua (CHOMSKY, 1986, p. 23).

Este trabalho lida com aspectos da aquisição e aprendizagem da língua, o que justifica a escolha da teoria gerativa, (cf. CHOMSKY, 1986), para a qual, a gramática (língua) de um falante é adquirida naturalmente sem que haja necessidade de instruções formais, diferentemente da aprendizagem. Para adquirir a língua, o falante precisa estar inserido em um

ambiente linguístico para que possa selecionar as propriedades pertinentes para o desenvolvimento da gramática da língua.

Em seu livro *Gramática do Português culto falado no Brasil*, Kato e Nascimento (2009: 241-252), definem as sentenças relativas, baseado em Tarallo (1996, 82 - 83), como: “Uma sentença encaixada que se caracteriza por partilhar com a sentença matriz um constituinte relativizado”. Ao falar das construções relativas com núcleo nominal, estudadas neste artigo, são mostradas:

1. Relativas - padrão: quando o movimento do pronome relativo para o início da sentença subordinada, puxa a preposição formando uma categoria vazia na posição de origem.  
Ex.: Carros muito pesados com cargas muito pesadas... trafeguem... acima, quer dizer, acima do peso *para o que* ela foi construída ( ).
2. Relativas com pronome resumptivo: este caso de construção relativa ocorre quando o constituinte relativizado é retomado pelo pronome *dele*, a existência do resumptivo mostra que, o pronome relativo, neste caso, não se movimentou.  
Ex.: Nós víamos um vídeo no *youtube*, aí embaixo *dele* tinha...
3. Relativa – cortadora: esta dispensa a preposição, porém, não há uma preposição seguida do pronome relativo, assim, não se pode concluir que a categoria-vazia é fruto de um movimento do pronome relativo, como nas construções relativas-padrão.  
Ex.:\* Vou aproveitar para uma coisa *que* há muito tempo desejava ver... que é o maquiné.

### 3 METODOLOGIA

O *corpus* desta pesquisa é composto por 42 textos escritos por alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental 2 de Maceió (Alagoas), compreendidos numa faixa etária entre 10 e 14 anos, e a maioria se encontrava devidamente regular com relação à idade e à série que estava cursando. Foi analisado em tais textos o uso do pronome relativo “que” e, nos casos em que esse fenômeno não foi utilizado, qual outra estratégia o aluno fez uso para relativizar a sentença produzida.

Para a obtenção do material estudado, os informantes tiveram de produzir textos de caráter narrativo, desenvolvendo textos de uma lauda e, dessa maneira, os alunos escreveram sobre os mais diversos temas, sobre os quais tinham conhecimento, inclusive sobre acontecimentos pessoais e momentos marcantes em suas vidas. Obtivemos assim uma amostra representativa de textos de crianças e jovens em vários níveis de escolarização.

Após a coleta dos textos, passou-se então a análise de cada frase que apresentasse o fenômeno investigado, fazendo assim uma tabela contendo as seguintes informações: ocorrência, nome do aluno, localização no texto e tipo de estratégia para catalogar o exemplo, o aluno que o escreveu, onde se localiza no texto e por fim se o pronome foi utilizado ou, ao invés deste, uma outra estratégia de relativização, que se encontra naquele exemplo (cf. exemplo 04).

EXEMPLOS	LINHAS	ALUNO	TIPO DE RELATIVIZAÇÃO
“ [...] entramos no youtube, lá tinha um vídeo aí embaixo dele dizia: ‘veja a batida mais trágica de todas’ aí nós clicamos no vídeo. ”	5-6-7	R.L.S.	Pronome resumptivo
“ [...] eu e meus primos <i>fomo</i> passar nossas férias em Joaquim Gomes na fazenda que tanto gosto [...]”	2-3-4	A.V.M.H.	Pronome relativo “que” “Na fazenda de que...”
“ Atualmente os meus amigos são as pessoas que eu mais convivo [...]”	3-4	C.M.L.A.	Pronome relativo “que”
“Meu pai ainda estava despertando quando nós três pulamos na cama onde ele estava e gritamos ao mesmo tempo [...]”	10-11-12	L.M.R.S.	Pronome relativo “onde”
“As coisas que eu mais gostei foi que eu andei de caiaque [...]”	23-24	I.F.L.	Pronome relativo “que” Cortadora (de que...)

**(01) Exemplo da parte de uma tabela de análise de um texto do 6º ano**

Fonte: elaborado pelas autoras, 2017.

Em seguida, foi contabilizada a quantidade de casos ocorrentes para cada estratégia de relativização ou quantas vezes o pronome relativizador **que** foi utilizado e feita uma porcentagem desses resultados. Posteriormente, foi calculada a média dos usos de cada uma das formas de relativização (padrão, cortadora, com pronome resumptivo) para determinar qual fenômeno foi mais e menos utilizado além de determinar se este fenômeno foi utilizado da forma considerada pela **norma padrão** como correta.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a análise dos textos foram coletados apenas cinco casos, como pode ser percebido acima, nos quais os alunos fazem uso de estratégias para relativizar suas produções textuais. Dentre tais estratégias se encontram o uso do pronome relativo “que”, o uso do pronome resumptivo “dele” e cortadoras nas quais os alunos fazem uso do pronome relativo “que como nos exemplos 2, 3 e 4.

Exemplo 2:

“[...] eu e meus primos *fomo* passar nossas férias em Joaquim Gomes na fazenda que tanto gosto [...]”.

Exemplo 3:

“Atualmente os meus amigos são as pessoas que eu mais convivo [...]”.

Exemplo 4:

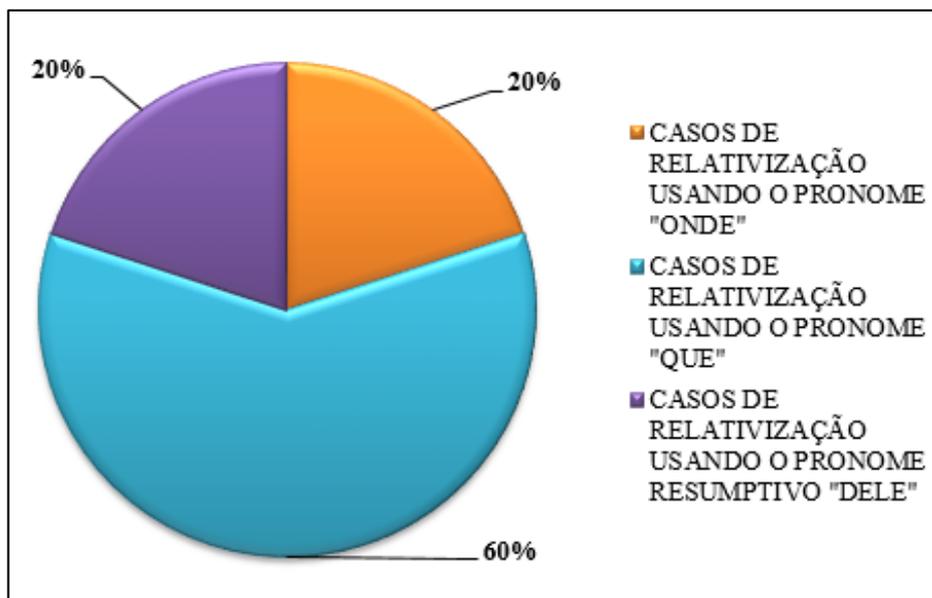
“As coisas que eu mais gostei foi que eu andei de caiaque [...]”.

Nos três casos acima, podemos perceber a forma como o aluno faz uso do tipo de relativa cortadora que também é a forma de relativização padrão para os falantes do português brasileiro, visto que esta é a forma mais usada por estes. Em um dos casos encontrados na análise dos textos, há também um aluno que produziu um caso de relativa com pronome resumptivo, pois o constituinte relativizado é retomado pelo pronome dele, ou seja, a palavra vídeo é retomada, posteriormente na sentença, através do pronome. A existência do resumptivo mostra que o pronome relativo, neste caso, não se movimentou.

Exemplo 5:

“ [...] entramos no youtube, lá tinha um **vídeo** aí embaixo **dele** dizia: ‘veja a batida mais trágica de todas’ aí nós clicamos no vídeo. ”

Podemos ver no gráfico, na página a seguir, os casos de relativização analisados:



**Gráfico 1 – Casos de relativização dos textos analisados**

Fonte: elaborado pelas autoras, 2017.

O gráfico acima representa a quantidade de casos nos quais foram encontradas relativizações. Como pode ser visto, há uma quantidade pequena de ocorrências e ainda nesses casos acaba sendo predominante entre os alunos suprimir a preposição que deveria acompanhar o pronome relativo “que” ou ainda uma não concordância gramatical em alguns casos. Porém nota-se ainda que os alunos acabam por preferir suprimir o uso de tal pronome.

Talvez pelas divergências entre o que se fala na língua falada e aquilo que se escreve na língua escrita, há, entre ambas estratégias, para os alunos, uma confusão na maneira em que precisam utilizá-las o que acaba por ser refletido na supressão do uso dessas relativas tanto com o pronome “que”, quanto em outras estratégias de relativização que podem ser utilizadas.

## 5 CONCLUSÕES

Conclui-se, portanto, que o aluno de PB tem uma tendência a produzir sentenças suprimindo o uso de pronomes relativos e os casos nos quais mais são encontrados tais pronomes relativos, acabam por ser aqueles em que os alunos utilizam o pronome relativo “que”. Não foram encontrados casos em que fosse usado o pronome relativo sem a necessidade do preenchimento da lacuna, como nos exemplos de Júnior (2007):

- “Eu tenho amigos *que são praticamente meus irmãos*”: relativização de elemento com função de sujeito na oração encaixada.

- “Ele me pediu que eu desse o meu celular e o dinheiro *que eu tivesse em meu bolso*”: relativização de elemento com função de objeto direto na oração encaixada.
- Ele é um garoto *que ele acha um ovo de dragão*: relativização de um elemento com função de sujeito e com a presença do resumptivo *ele*.

Além destes não foram encontrados também casos em que o aluno preenchesse a lacuna que a sentença exigia. Talvez pelas diferenças que se pôde observar entre as duas formas de uso do PB, na fala e na escrita, o aluno não UTILIZE de maneira tal recorrente a relativa padrão na língua falada como em suas produções escritas.

## REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noan. **Knowledge of language: is nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986. [tradução portuguesa: Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. **O caminho da linguagem: sua natureza, origem e uso**. Lisboa: Caminho 1994.]

CORRÊA, Vilma Reche (1998). **Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

JÚNIOR, Sinval. **Estratégias de relativização na fala e na escrita: análise em textos de estudantes da série final do Ensino Médio**. Bahia, 2007.

KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton do. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil – Volume III – A construção da sentença**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

MIOTO, Carlos et al. **Novo Manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2007.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d’aquém e d’além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Anne (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp. Cap. II. p. 69-105, 1996.